

de Caacupé”), foram problematizadas as dificuldades dos paraguaios para se organizarem desde sua chegada à cidade, o perfil dos migrantes e a sua inserção na sociedade paulista. A história da migração paraguaia na capital paulista desde a segunda metade do século passado foi separada em três momentos: a ditadura Stroessner, a abertura democrática no Paraguai e os fluxos mais recentes a partir dos anos 2000. Procurou-se aprofundar o debate sobre o papel das associações e suas reivindicações, das manifestações culturais dos grupos folclóricos e os desafios que devem ser superados de maneira conjunta.

Ano/Edição

Ano XXVII, nº 74, jan-jun/2014. São Paulo

CRIANÇAS

Título

A criança e a família: como se vive com naturalidade a pobreza nada natural

Autor/es
Resumo

Jerusa Vieira Gomes

A criança e o adolescente, juntamente com a mulher e a família, transformaram-se em objeto de estudo privilegiados por cientistas sociais, nas últimas décadas. No caso da criança, a atenção tem recaído em dois extremos: ou a criança-padrão, típica dos estratos médios, em que se baseiam as teorias psicológicas, ou o oposto dela, a criança abandonada ou que vive nas ruas. Desse modo, a criança pertencente às camadas populares, mas que não vive nem abandonada, nem nas ruas, tem sido a vítima do esquecimento de quase todos. É natural que a situação extrema de abandono e de desproteção mereça, em certo momento, maior atenção de todos nós. Contudo, acatelemo-nos: ao contrário do que muitos pensam, a grande maioria das crianças pobres vive o seu quinhão de miséria nos limites do próprio bairro. Pilotti (consultor do Instituto Interamericano da Criança IIN — em 1987), em artigo sobre a vida de menores no nível da chamada pobreza crítica, em cidades latino-americanas, divide-os em três grupos, segundo o grau de proteção familiar recebida: crianças apoiadas e protegidas por suas famílias, em seus lares — nesta categoria estariam as crianças das zonas rurais empobrecidas e algumas pertencentes às cidades, especialmente às cidades pequenas e médias; crianças que têm a rua como seu lugar de moradia,

seu habitat são as chamadas crianças da rua: crianças na rua — este seria o grupo majoritário, composto por aquelas que, possuindo uma família, passariam o dia na rua, de maneira a ajudarem a subsistência do grupo familiar. Esta classificação, de maneira geral, corresponde à adotada por aqueles que trabalham, hoje, com as questões relativas ao menor, faltando apenas acrescentar um quarto grupo, composto por crianças institucionalizadas, após uma história de abandono e de marginalidade e de criminalidade. A classificação parece adequada, uma vez que permite discriminar os diversos “tipos” de crianças: o problema reside em se imaginar que apenas algumas delas, habitantes especialmente das cidades pequenas e médias, estariam apoiadas e protegidas por suas próprias famílias. Desconheço a realidade dos demais países latino-americanos mas, no caso brasileiro, isso não faz sentido; todavia, esta é uma crença bastante disseminada entre nós. Imagine-se o que seria de nossas grandes cidades, onde proliferam bairros populares com alta densidade demográfica e, inclusive, com percentagem significativa de crianças entre 0-12 anos, se a maioria das crianças passasse o dia nas ruas? Basta que imaginemos o que seria a vida no Rio de Janeiro se a maior parte dos menores favelados da zona sul descesse diariamente às ruas. Mesmo em São Paulo, com os bairros pobres situados em regiões periféricas distantes, o que ocorreria se os “exércitos” infantis se deslocassem diariamente para as ruas do centro e das zonas pobres? Certo, o contingente infantil (para não falarmos do juvenil) que vive nas ruas das grandes cidades é elevado e agride a dignidade e a consciência de todos nós. Não obstante, este contingente é infinitamente inferior àquele que vive nos bairros populares, entre a família, a rua, a escola e o trabalho. É sobre estas crianças pobres “comuns” que este artigo pretende chamar a atenção: porque são as mais esquecidas, e, neste sentido, talvez as mais marginalizadas, uma vez que delas a sociedade sequer se apercebe. Dito de outro modo, as crianças nas ruas e das ruas fizeram-se descobrir; restaram as crianças dos bairros e nos bairros. Da descoberta da criança da Vila Helena trata o presente artigo.

Ano/Edição

Ano III, nº 7, maio-ago/1990. São Paulo

Título	Prostituição e tráfico de adolescentes
Autor/es	Gilberto Dimenstein
Resumo	Convido o leitor a dividir comigo essa viagem pelas rotas do tráfico humano - uma das estações finais é Cuiú-Cuiú. Mas passa antes pelos segredos da prostituição infantil, que se dissemina pelo Brasil - o Centro de Defesa para a Infância e Adolescência (CBIA), do Ministério da Ação Social, lançou documento calculando em 500 mil meninas prostitutas. O cenário da rota é exótico, desconhecido e até inacessível: Amazônia Legal, conceito que inclui fatias das regiões Nordeste (Maranhão) e Centro-Oeste (Tocantins e Mato Grosso), cerca de 61% do território nacional. É a região que atrai o mais intenso movimento migratório, alterando com rapidez extraordinária a cara do país. Homens e mulheres de pele clara e cabelo louro vindos do Sul misturam-se com o caboclo amazônico. Misturam-se cores de pele, comidas, expressões. Muitos foram à procura de terras, outros encantados pelo ouro. De acordo com o último Censo as maiores taxas de crescimento da população foram registradas na Amazônia: Roraima (9,1%), Rondônia (7,9%). Mato Grosso (5,4%) e Pará. De difícil acesso por terra e até por ar (é abundante o número de aviões que se espatifam), a selva cria Estados dentro do Estado, onde a lei é a lei de quem tem mais armas, melhores pistoleiros e mais audácia. As rotas do tráfico de meninas convertidas a prostitutas é um sinal perfeito e cristalino de como esse movimento humano é desorganizado e desumano.
Ano/Edição	Ano V, nº 13, maio-ago/1992. São Paulo
Título	O mundo dos pequenos na órbita dos adultos
Autor/es	Dirceu Cutti
Resumo	Editorial
Ano/Edição	Ano XX, nº 59, set-dez/2007. São Paulo
Título	“Tenho duas culturas dentro de mim” (Depoimento)
Autor/es	Por Sidnei Marco Dornelas
Resumo	Depoimento
Ano/Edição	Ano XX, nº 59, set-dez/2007. São Paulo
Título	Como perpetuar uma classe operária
Autor/es	Ushi Arakaki
Resumo	Os descendentes de japoneses começaram a fazer o caminho inverso de seus pais e avós, em meados dos anos 80, estimulados pela grave crise econômica brasileira e

pelo rápido crescimento econômico japonês. Esse fluxo se intensificou consideravelmente a partir de 199(), quando o governo japonês revisou a sua Lei de Controle Imigratório, permitindo residência legal para descendentes até a terceira geração e seus cônjuges. Os Nikkeis, como são chamados os descendentes de japoneses, foram recebidos no Japão para suprir a falta de mão-de-obra operária no país. Eles, assim como seus pais e avós, tinham como objetivo ganhar, em um curto espaço de tempo, dinheiro suficiente para melhorar suas condições de vida em sua terra natal. No entanto, não tardou muito para esses imigrantes perceberem que o sonho de fazer fortuna no Japão não seria realizado a curto prazo. A princípio os Nikkeis que migravam para o Japão eram em sua maioria homens nisseis (segunda geração) sem suas famílias. À medida em que esse processo se tornou menos temporário, foi aumentando o número de famílias imigrantes e com isso foram surgindo novos desafios, como a educação de crianças brasileiras em um país estrangeiro e a dupla jornada de trabalho feminino. De acordo com a Associação Japonesa de Imigração (Japan, 20()5), aproximadamente 286.00() brasileiros residem no Japão, sem considerar aqueles que possuem dupla nacionalidade. Os nipo-brasileiros representam o terceiro maior grupo de estrangeiros no Japão, só perdendo para os coreanos e chineses respectivamente, e são classificados em muitos estudos como um dos seis principais grupos minoritários do país (Weiner, 1997). A grande maioria desses brasileiros trabalha na indústria automotiva, eletroeletrônica ou alimentícia e se concentra nas províncias de Aichi, Shizuoka, Nagano, Mie, Gunma, Gifu, Kanagawa, Saitama, Ibaraki e Shiga. Entretanto, pode-se encontrar brasileiros em todas as províncias japonesas.

Ano/Edição

Ano XX, nº 59, set-dez/2007. São Paulo

Título

Crianças e adolescentes envolvidos no movimento de kassegui

Autor/es
Resumo

Kyoko Yanagida Nalcagawa

Dos mais de 312 mil brasileiros que vivem no Japão, o maior número concentra-se na faixa etária de 25 a 45 anos, isto é, adultos na faixa de maior fecundidade. Assim, o número de crianças envolvidas nesse movimento, é bastante significativo. Essas crianças, filhos desses trabalhadores, se encontram, não por sua escolha, sofrendo as consequências desse movimento. A maioria dessas crianças está em idade de formação escolar e estruturação emocional. Se

	<p>considerarmos, não apenas o desenvolvimento físico, mas o desenvolvimento psicossocial, elaboração de várias “crises” necessárias ao pleno desenvolvimento, incluindo o período da adolescência, podemos constatar que as alterações bruscas em seu meio social e familiar afetam-nas diretamente. Para compreendermos melhor o que acontece com as crianças, pensei em três grandes grupos nos quais as crianças se encaixariam: grupo das crianças que estão no Japão com seus pais. das crianças que voltam ao Brasil depois de passar algum tempo no Japão ou nasceram lá durante a estada de seus pais e as crianças que ficam no Brasil sem a presença de um dos pais ou ambos, enquanto esses vão trabalhar no Japão. Essa divisão é apenas didática, pois é comum termos crianças que ora fazem parte de um grupo, ora fazem parte de um outro, apresentando sinais típicos dos grupos correspondentes, cumulativamente.</p> <p>Ano/Edição Ano XX, nº 59, set-dez/2007. São Paulo</p>
<p>Título</p> <p>Autor/es Resumo</p> <p>Ano/Edição</p>	<p>A distância dos filhos – reflexões sobre núcleos familiares divididos pela migração</p> <p>Igor José Renó de Machado; Alexandra Gomes de Almeida</p> <p>Este artigo procura refletir sobre as conseqüências dos movimentos migratórios internacionais brasileiros para as crianças que ficam do lado de cá da viagem. Em nossas pesquisas identificamos muitas situações em que ou o pai, ou a mãe. ou ambos, partem para a aventura migratória, deixando seus filhos sob cuidados de parentes, amigos ou até sob cuidados de pessoas contratadas para isso, DO ponto de vista dos que ficam. como são vistos os arranjos para a criação dos filhos dos migrantes, como se configura esse processo? Que reflexões produzem sobre a educação e desenvolvimento dessas crianças? Como os pais que deixam seus filhos sob os cuidados de terceiros são encarados nessa situação? Quais os custos emocionais envolvidos nesses processos? Procuraremos aqui refletir sobre essas questões a partir do trabalho de campo realizado em Governador Valadares, entre familiares de pessoas que migraram para Portugal, segundo lugar de destino dos valadarenses, depois dos EUA. A região brasileira de Governador Valadares é conhecida como um dos principais pólos de migração internacional brasileira.</p> <p>Ano/Edição Ano XX, nº 59, set-dez/2007. São Paulo</p>

Título	Brasileirinhos longe de casa: entre sonho e realidade
Autor/es	Bianka Pires André
Resumo	Assim como aconteceu com André, é mais ou menos dessa maneira como começa a história de muitos brasileiroinhos que deixam o país para empreender um projeto migratório idealizado por seus pais. Os projetos de imigração são planejados a partir de sonhos ou necessidades de uma família a fim de conseguir a chamada “vida melhor”. Por este motivo, muitas pessoas se deslocam de suas cidades de origem até cidades economicamente favorecidas com a intenção de realizar projetos laborais, acadêmicos ou de outra natureza. No entanto, a imigração é um projeto dos pais, não dos filhos. Mota, em sua pesquisa sobre o bilinguismo em crianças brasileiras residentes nos EUA, diz que os filhos são um tipo de imigrantes involuntários (Mota, 1999, p. 76). Na realidade, parece que os filhos costumam ser o real motivo do traslado, como relatou uma mãe na entrevista: “Eu vim por eles, por mim eu não estaria aqui. Eu e meu marido tínhamos a nossa casa e não vivíamos mal, mas eles precisavam de uma educação melhor, de um futuro melhor.” Ao chegar na cidade de destino, com o passar do tempo, os novos residentes vão percebendo que terão que encarar um processo relativamente longo até poderem atingir seus objetivos. É começar do zero. O salto em direção ao desconhecido implica para todos os membros da família aprender novo idioma, novos códigos sociais, econômicos e culturais; implica diferentes aprendizagens que, muitas vezes, podem não ser levadas em consideração quando ainda se está do outro lado da fronteira (Anisef & Kilbride, 2003, p. 29). O objetivo deste artigo é relatar as percepções e experiências sócio-educativas de um grupo de adolescentes brasileiros que acompanharam seus pais em uma aventura migratória para Barcelona.
Ano/Edição	Ano XX, nº 59, set-dez/2007. São Paulo
Título	Lugares próprios entre modos de ser distintos? A inserção das crianças que moraram no Japão
Autor/es	Laura Satoe Ueno
Resumo	No presente texto, discutimos como as crianças costumam viver as mudanças entre culturas, em especial aquelas que retornaram do Japão. Apresentamos aspectos do processo de socialização envolvendo contextos culturais diferentes, bem como as implicações da migração na dinâmica das famílias e no desenvolvimento psicológico dos sujeitos, partindo de

Ano/Edição	interloquções teóricas entre as abordagens intercultural e psicodinâmica. Consideramos que os fatores sociopolíticos são fundamentais na compreensão das perdas, conflitos e desafios envolvidos nos deslocamentos. No âmbito da educação, temos observado que a escola costuma reproduzir descontinuidades em vez de assegurar a ‘possibilidade de ser’ da criança na transição entre culturas diferentes. Ano XXIV, nº 69, jul-dez/2011. São Paulo
Título	Crianças refugiadas: crianças em alto risco?
Autor/es	Ethel V. Kosminsky
Resumo	Crianças deslocadas da Síria, Afeganistão e Irã vivem em cidades de tendas no Líbano, Jordânia e Turquia. Como o Líbano não permite a construção de extensos campos de refugiados como há na Jordânia e na Turquia, famílias sírias pobres constroem tendas ao acaso. Algumas crianças sírias vivem como deslocadas internas em seus próprios países. Outras viajam para a Europa de barco ou a pé, com a esperança de chegarem a Alemanha, Suécia, ou talvez a França ou a Grã-Bretanha. Milhares de crianças já vivem em países europeus, principalmente na Alemanha. Baseado em relatórios do The New York Times, do MIP (Migration Policy Institute) e do CMS (Centro for Migration Studies), eu tentarei descrever e explicar a situação dessas crianças em situação traumática. De acordo com o Migration Update13(2015), guerras causam a ruptura da vida familiar.
Ano/Edição	Ano XXIX, nº79, jul-dez/2016. São Paulo
Título	Viena e “a crise dos refugiados na Europa”: um mosaico etnográfico
Autor/es	Anne Unterwurzacher; Ethel V. Kosminsky; Katharina Auer-Voigtländer
Resumo	Neste artigo, as autoras querem ilustrar como a Áustria respondeu e ainda está respondendo à “crise dos refugiados” em 2015. O artigo está elaborado como um tipo de mosaico contendo diferentes pontos de vista, que destacam os interesses pessoais, compromissos e abordagens teóricas das autoras. A primeira seção apresenta uma breve visão geral sobre o histórico de migração na Áustria, desde 1900 até hoje, com foco especial em Viena. Na seção seguinte, Anne Unterwurzacher reflete sobre sua atuação como voluntária

Ano/Edição	<p>durante o tempo do movimento de refugiados. Ela descreve algumas de suas experiências com a intenção de ilustrar desenvolvimentos e desafios em curso na Europa. Na seção „Esta espera torna minha loucura”, Ethel Kosminsky descreve uma visita em um abrigo provisório de refugiados. Ela lança luz sobre alguns aspectos do cotidiano dos refugiados que vivem nesse lugar. Na última seção, o tópico “Inclusão de refugiados na Áustria – entre a hostilidade e o comprometimento” será abordado de um ângulo diferente: com base em um projeto de pesquisa real, Katharina Auer-Voiglaender destaca o processo de inclusão de refugiados em comunidades menores.</p> <p>Ano XXX, nº 80, jan-jun/2017. São Paulo</p>
<p>Título</p> <p>Autor/es</p> <p>Resumo</p> <p>Ano/Edição</p>	<p>Proteção internacional e meninas refugiadas: onde elas estão?</p> <p>Isabelle Dias Carneiro Santos; Patrícia Nabuco Martuscelli</p> <p>Os seres humanos, incluindo crianças, meninas e mulheres, migram pelas mais diversas razões tanto de maneira voluntária quanto por motivos forçados como conflitos armados e desastres ambientais. Dentre os migrantes forçados que mais crescem no mundo estão os refugiados, não apenas os adultos, mas também as crianças, que em função da sua pouca idade (menores de dezoito anos), são mais vulneráveis e possuem sua capacidade de agência não reconhecida, sobretudo as que são do sexo feminino, uma vez que as meninas se encontram, seja no campo teórico quanto na prática, em situação de invisibilidade protetiva. Diante desta realidade, urge que a sociedade internacional passe a atuar solidariamente para que as meninas refugiadas recebam a proteção necessária e tenham também capacidade de serem ouvidas nos processos que as concernem. Para tratar desta temática, foi utilizada metodologia qualitativa, exploratória e descritiva, fazendo-se uso de doutrina, tratados e relatórios internacionais. Conclui-se que as meninas permanecem um grupo invisibilizado dentro das categorias de mulheres e crianças de modo que suas necessidades específicas não são devidamente consideradas, apesar de poderem ser analisadas como grupo específico que sofre perseguições especialmente por razão de sua idade e gênero.</p> <p>Ano XXX, nº 80, jan-jun/2017. São Paulo</p>

Título	Infância refugiada: a criança e o direito à educação
Autor/es	Deborah Esther Grajzer
Resumo	Objetiva-se discutir a condição de vida de crianças refugiadas nos últimos anos no Brasil. O trabalho centra-se no direito fundamental à educação e à infância, com base na Sociologia da Infância e na abordagem histórico-cultural de Vigotski. As discussões têm como parâmetro os documentos elaborados pelo Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR) e pelo Comitê Nacional para os Refugiados.
Ano/Edição	Ano XXX, nº 80, jan-jun/2017. São Paulo

CULTURA

Título	E a festa, onde foi parar?
Autor/es	Suzana Sochaczewski Evelyn
Resumo	A autora trata das dificuldades do trabalho na terra de chegada, São Paulo, que, apesar de ser uma cidade com muitas opções de programas culturais e festas, é vista pelos migrantes apenas como um local de trabalho. Esta é uma forma de manter sua migração como temporária. Em São Paulo, o trabalho que garante sua sobrevivência não garante a vida como festa. Esta tem sua garantia nas regiões de origem dos migrantes temporários, que não trazem as festas de sua terra natal, trazem em sua bagagem apenas o trabalho. A articulação ente festa e trabalho também vincula-se ao aspecto contraditório da sua migração temporária
Ano/Edição	Ano I, nº 1, maio-ago/1988. São Paulo-SP

Título	Editorial (Ed. 7, Cultura)
Autor/es	Editorialistas de Travessia
Resumo	Editorial
Ano/Edição	Ano III, nº 7, maio-ago/1990. São Paulo

Título	O lazer da população de origem migrante na metrópole
Autor/es	José Guilherme Cantor Magnani
Resumo	O artigo procura abordar sobre o lazer da população migrante na grande metrópole, comumente vinculado a uma série de manifestações culturais com forte sabor rural. Religiosas ou profanas, essas manifestações seria algo assim